

LT145

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA

**NEOLOGISMOS DE ORIGEM GITONGA NO PORTUGUÊS DE
MOÇAMBIQUE: ALGUNS EXEMPLOS E SEU TRATAMENTO**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA PARA OBTENÇÃO DO GRAU
DE LICENCIATURA EM LINGUÍSTICA NA U.E.M.

HENRIQUE MATIAS ELIAS FRANÇA

MAPUTO, 2004



NEOLOGISMOS DE ORIGEM GITONGA NO PORTUGUÊS DE
MOÇAMBIQUE: ALGUNS EXEMPLOS E SEU TRATAMENTO

DISSERTAÇÃO APRESENTADA PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
LICENCIATURA EM LINGUÍSTICA NA U.E.M.
POR: HENRIQUE MATIAS ELIAS FRANÇA

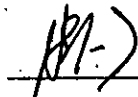
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

SUPERVISÃO DE : dra JULIETA M. LANGA

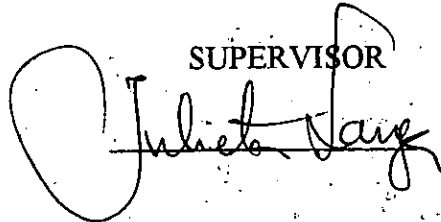
MAPUTO, 2004

O JÚRI:

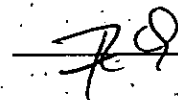
PRESIDENTE



SUPERVISOR



OPONENTE



DATA

03/12/04

U.E.M. - F.L.C.S.	
R. E.	30313
DATA	10/02/05
AQUISIÇÃO	Aberta
COTA	L.T. 145

DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que consultei.

ABREVIATURAS

PM – Português de Moçambique

PE – Português Europeu

LB – Língua Bantu

SUMÁRIO

O presente trabalho constitui uma proposta de pesquisa sobre a importação de neologismos por empréstimo da língua gitonga para o PM.

O mesmo é composto por cinco capítulos: A Introdução, o primeiro, apresenta informação geral sobre a investigação, os objectivos, a motivação, bem como a relevância do estudo. O segundo, a Revisão da Literatura, faz uma abordagem sobre a teoria dos empréstimos na perspectiva de vários autores, os modelos de análise bem como os tipos de dados a recolher para este tipo de estudo. O terceiro, a Metodologia de Investigação, define a metodologia usada para a investigação, no que se refere à recolha e selecção dos dados que constituem o *corpus*, o quarto capítulo é dedicado à Análise de Dados apresenta a análise dos neologismos por empréstimo de origem gitonga de acordo com o modelo de análise escolhido. Finalmente, o quinto capítulo, tece as considerações finais.

ÍNDICE

Pág

Declaração-----	I
Dedicatória-----	II
Agradecimentos-----	III
Abreviaturas-----	IV
Sumário-----	V

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

Assunto e objectivos-----	1
O contacto entre o português e as línguas bantu de Moçambique-----	2
As hipótese de investigação e a relevância do estudo-----	3
A situação linguística do gitonga-----	4
Motivações-----	5 e 6

CAPÍTULO II – REVISÃO DA LITERATURA

O sumário e a questão dos empréstimos-----	7
Os diferentes tipos de empréstimo-----	10
A questão da tradução dos empréstimos-----	16
O critério do alojamento dos empréstimos-----	18
A integração morfo-sintáctica dos empréstimos-----	19
O modelo de análise-----	20

CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Breve introdução e o procedimento de recolha de dados-----	23
Breve descrição do <i>corpus</i> -----	25
Os anexos do trabalho-----	26

CAPÍTULO IV – ANÁLISE DE DADOS

O sumário e o tratamento de dados-----	27
Análise de dados-----	34
Breves conclusões da análise de dados-----	40

CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sumário e as considerações finais-----	42
Contributo para futuras investigações-----	44
Bibliografia-----	46 e 47

ANEXOS

Descrição do *corpus* ----- de I até IV
Perguntas para entrevistas ----- de V até VII

DEDICATÓRIA

À Djita

.... Pela companhia nestes longos anos....

AGRADECIMENTOS

Deixo aqui expressa a minha gratidão às seguintes personalidades e instituições:

Aos meus professores do Curso de Linguística da Faculdade de Letras.

À Direcção dos serviços Sociais da U.E.M., por me ter concedido uma bolsa de estudos que suportou muito os meus estudos.

Ao Instituto de Comunicação Social (Delegação de Inhambane).

À Rádio Moçambique (Emissor Provincial de Inhambane), pela simpatia, paciência, pelo fornecimento de *cassetes audi* para transcrição das entrevistas com os informantes.

Ao proprietário da barraca Tinga, no bairro de Muelé, na cidade de Inhambane.

E, a todos que directa ou indirectamente contribuíram para tornar este trabalho possível.

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

1.1. Assunto

A investigação que aqui apresentamos é o resultado da pesquisa e análise dos neologismos do PM de origem bantu, provenientes da língua gitonga, e que se notabilizam no vocabulário activo de muitos moçambicanos da província de Inhambane, bem como de todo o país.

1.2. Objectivos gerais

O presente trabalho tem como objectivo estudar o processo de aquisição de palavras novas no português de Moçambique (PM), por via de empréstimos da língua gitonga.

1.3. Objectivos específicos

Este trabalho propõe-se, ainda, fazer um levantamento de expressões idiomáticas da língua gitonga, bem como o estudo de palavras relacionadas com alguns aspectos sociais e culturais desta língua que, com o tempo e por meio de uma difusão por parte dos falantes, passaram a ser típicas do PM, constituindo o vocabulário básico daquela comunidade linguística, palavras ou expressões essas que, originariamente, não fazem

parte do léxico do português europeu (PE). A título de exemplo, passamos a citar algumas dessas palavras inseridas nos seus respectivos contextos:

- a) “...agora, com o fim da guerra, o preço do **macuti** baixou muito, por isso ele já pode construir a sua casinha.”

Macuti: (folhas de palmeira)

- b) “...ontem na barraca do tio Tinga dançámos **xingwere** até amanhecer.”

Xingwere: (tipo de dança)

- c) “...ir à Inhambane e não beber **sura** é o mesmo que entrar na água e não se molhar”

Sura: (vinho de palma)

- d) “...assim que o pão aumentou o preço, vamos matabichar com **licoloma** todos os dias.”

Licoloma: (lanho de côco)

1.4. O contacto entre o Português e as línguas bantu de Moçambique

Oficialmente, o PM segue a norma do português europeu (PE), mas no uso oral verificamos que esta língua está se distanciando da norma europeia. Uma das possíveis causas do distanciamento entre o PM e o PE prende-se com o facto de o português, em Moçambique, estar em constante contacto com as línguas bantu, criando assim um bilinguismo imperfeito entre o PM e as línguas bantu faladas em Moçambique. O bilinguismo imperfeito resulta, para as línguas em questão, tal como explica Barbosa

(1969:111), em interferências nos aspectos lexicais, gramaticais etc, é o que observamos no falar quotidiano dos moçambicanos, em que o vocabulário das línguas bantu é adoptado pelo português e vice-versa, enriquecendo os aspectos lexicais das línguas envolvidas neste processo. Assim, Moçambique aparece como um dos pontos de contactos entre o português e as línguas bantu.

1.5. Hipóteses de investigação

Depois de abordarmos o contacto entre o português e as línguas bantu de Moçambique, podemos formular uma pergunta sobre que factores estão na origem do uso e difusão dos neologismos de origem gitonga nos diferentes contextos do PM. Para respondermos a esta questão, teremos de elaborar as seguintes hipóteses:

- a) Se houver um contacto linguístico entre o gitonga e o português, associado a falta de palavras portuguesas para designar certas realidades, então a importação de neologismos de um língua para outra língua será evidente.
- b) O fraco domínio da língua portuguesa permite em muitos casos que os falantes do PM adoptem, facilmente, os empréstimos de origem bantu.

1.5. Relevância do estudo

Apesar das possíveis dificuldades que teremos de enfrentar, parece-nos que o nosso trabalho é importante para o estudo da história da língua portuguesa, em Moçambique,

porque poderá contribuir para futuras pesquisas e investigações sobre a problemática do português do nosso país.

1.6. A situação linguística do gitonga

Na classificação de Guthrie (1967:71), as línguas bantu agrupam-se em 15 zonas linguísticas, com os respectivos códigos sendo o gitonga, a língua em estudo, assinalada por (S60), fazendo parte do grupo linguístico Copi, codificada por (S62) de acordo com Siteo e Ngunga (2000).

O gitonga é falado na província de Inhambane, em regiões circunvizinhas à Baía de Inhambane. Distribui-se pelos distritos de Inhambane, Morrumbene, Homoíne, Inharrime e cidade de Inhambane. Existem núcleos de falantes de gitonga disseminados por todo o país, sendo de destacar o da cidade de Maputo.

O gitonga é falado por cerca de 350,991 pessoas, como revelam os dados do Censo de 1997 (cf. Siteo e Ngunga, *op.cit.*), e conta com as seguintes variantes:

1. gitonga gya khogani ou gikhoga, falada nas regiões costeiras que circundam a baía de Inhambane;
2. ginyambe, falada no distrito de Inhambane;
3. gikhumbana, falada na zona sul do distrito de Inhambane;

4. girombe, falada no distrito de Murrombene; e
5. gisewi, falada na cidade de Inhambane.

Para efeitos de padronização ortográfica, toma-se o gitonga gya khogani ou gikhoga, como variante de referência. É com base nesta variante que recolhemos os dados do *corpus* do trabalho.

A escolha desta língua, como sendo a fonte de fornecimento dos empréstimos para o PM, deve-se ao facto de termos uma grande familiarização com a mesma, bem como o facto de em muitos casos vermo-nos confrontados com o uso destes neologismos, quer ao nível social quer cultural, em contextos em que a língua dominante e de comunicação é a língua portuguesa.

1.8. Motivação para escolha do tema

Durante vários anos, temos vindo a constatar que há em Moçambique, introdução e difusão de palavras e expressões provenientes de diversas línguas bantu (ou não bantu) na língua portuguesa. Este fenómeno faz-nos pensar, cada vez mais, que o PM está a ter um vocabulário que em certa medida, se está distanciando do vocabulário do português europeu, visto que existem palavras e expressões provenientes das línguas bantu que já fazem parte do vocabulário de muitos moçambicanos. Achamos que maior parte desse vocabulário, não é do conhecimento dos falantes do português europeu, nem dos outros países de língua oficial portuguesa.

O contacto, muitas vezes de índole comercial, cultural e desportivo, religioso e até profissional, entre falantes do português oriundos da comunidade gitonga e outros falantes disseminados pelo resto do país, provoca a difusão de certas palavras provenientes do grupo linguístico gitonga para as restantes comunidades etnolinguísticas.

Estes aspectos, constituem uma base para que enveredemos por este estudo, pois torna-se necessário dar a conhecer as outras comunidades, algumas transformações linguísticas que se operam no português de Moçambique.

Concluída a introdução do nosso trabalho, passaremos em seguida a apresentar as diversas teorias avançadas por vários autores sobre a questão dos neologismos por empréstimos, em forma de revisão da literatura.

CAPÍTULO II - REVISÃO DA LITERATURA

SUMÁRIO

Apresentamos nesta secção teorias sobre a neologia via empréstimos e abordamos conceitos genéricos sobre esta matéria.

Começaremos por fornecer informação geral sobre a teoria dos empréstimos, para depois falarmos dos vários tipos de empréstimos na perspectiva dos diferentes autores; daremos informações relativas à questão da tradução dos empréstimos e falaremos do critério a que um empréstimo obedece para se integrar no acervo lexical de uma certa língua. Também, procuraremos demonstrar que um empréstimo linguístico ao se integrar numa determinada língua, aloja-se sempre numa classe gramatical específica. Finalmente, apresentaremos os modelos de análise bem como os tipos de dados que suportarão o *corpus* do trabalho

2.1. EMPRÉSTIMOS

Os empréstimos são o resultado das circunstâncias sociais, políticas e/ou económicas, que levam a trocas linguísticas no contexto do avanço tecnológico e até cultural que, por ser tão repentino, não dá tempo para que o povo que importa as novas realidades construa o seu próprio sistema de configuração, sendo obrigado a usar designações importadas, dada a urgência de nomear.

O surgimento de empréstimos deriva, também, do facto de alguns cientistas e pesquisadores rejeitarem o emprego dos equivalentes dos termos importados, por estarem muito familiarizados com estes, por desconhecerem os seus equivalentes nas suas línguas ou por uma questão de menor esforço ou vontade própria, assim como derivam da influência dos mais diversos modismos, do consumismo generalizado, impostos pela publicidade e pela necessidade de um *status social* e outros meios¹.

No PM, podemos falar de empréstimos provenientes das línguas bantu, de Moçambique, línguas dos países vizinhos, assim como das línguas europeias e das restantes partes do mundo.

Mendes (2000:60) considera que os empréstimos no PM são, por um lado, resultado de três razões tais como: uma resposta às novas necessidades que o país enfrenta mas, por outro, têm a ver com razões sociolinguísticas; valorização que se atribui às línguas moçambicanas, neste período, e a aquisição tardia do português por falantes que já tivessem adquirido uma língua materna bantu.

Estas três motivações: resposta às novas necessidades; valorização das línguas bantu e a aquisição tardia do português, deram origem a novidades plenas, sob o ponto de vista linguístico e à nova significação de formas já existentes, a partir de factores extra-

¹ Cf. "RILP", DEZ 1991 no 5/6, pag 15-16

linguísticos².

As três motivações apresentadas por Mendes (2000), coincidem em certa medida com as hipóteses do nosso trabalho que foram apresentadas no capítulo anterior.

Definindo o que sejam os empréstimos lexicais, Mateus *et al* (1990:415) explicam e exemplificam o que são os estrangeirismos. Consideram que empréstimos são palavras provenientes de outras línguas e adaptadas a nossa língua, como “basquetebol” (do Inglês: basketball), “cavalheiro” (Castelhano: caballero), “dama” (Francês: dame) ou “piano” (Italiano: piano).

Rondeau, citado por Mendes (2000:61-62) define empréstimos como a passagem, na Língua, de um signo linguístico completo, com o seu significante e o seu significado. O significante pode ser objecto de adaptações, mais ou menos importantes, particularmente, nos planos grafémicos e fonéticos.

Lopes *et al* (2002:13) contribuindo nesta área considera especificamente, empréstimos como formações do PM oriundas de várias línguas, como acontece, nas línguas bantu, por exemplo, “dumba-nengue”, os empréstimos que constituem grande parte das palavras novas, são talvez o factor mais visível da mudança linguística, em geral, e da mudança semântica em particular.

² MENDES, Irene (2000:60), fala de novidades plenas referindo-se, exactamente, a criações novas sob ponto de vista de formação.

A respeito da essência dos empréstimos linguísticos Appel *et al* (1989: 164) asseguram que é absurdo imaginar uma língua como não adotando unidades lexicais de outras línguas, tal como nenhuma cultura se desenvolve inteiramente a partir de zero.

Vilela (1995: 61), encarando a problemática dos empréstimos lexicais de origem bantu no português, afirma que estamos perante o respingar de uma norma africana do português que se vai definindo. O mesmo autor (p.64) explica que nesta norma, em desenvolvimento, as designações de animais, plantas, cultura, etc. acusam, como é de prever, a sua origem africana.

2.2. TIPOLOGIA DOS EMPRÉSTIMOS LEXICAIS

Os empréstimos linguísticos não são uniformes, comportam características diferenciadas. Passamos em seguida a discriminar as suas tipologias, recorrendo as classificações de diversos autores.

Appel *et al* (1993:164), citando Haugen (1950) fornecem-nos a seguinte tipologia:

Empréstimos totais;

Empréstimos por eliminação; e

Empréstimos semânticos

2.2.1. Empréstimos totais

Num caso mais simples o empréstimo integra-se totalmente, isto é, o som e o sentido são importados para a língua alvo. É a este processo que Haugen designa de importação

Exemplo:

(1)... “agora, com o fim da guerra o preço do **macuti** baixou muito, por isso ele já pode construir a sua casinha”.

O empréstimo **macuti** corporiza o conceito de um empréstimo total pois, o som do empréstimo bem como o seu sentido são transferidos para a língua alvo sem alterações.

2.2.2. Empréstimos por eliminação

No entanto, há casos em que no empréstimo são introduzidas modificações fónicas e grafémicas de modo a adaptá-lo à língua alvo. Nestes casos, encontramos perante empréstimos por eliminação.

Exemplo:

(2) ... “passei o fim-de-semana em casa do tio Joaquim.... aquilo foi uma chuva de muita **matapa e sura**”.

O exemplo (2) mostra que este empréstimo de origem gitonga, quando se aloja no

acervo lexical do PM, sofre modificações fônicas e grafêmicas, para melhor se acomodar no sistema fonológico da língua alvo. Neste caso, tratou-se de eliminação de um som aspirado, como a seguir se ilustra.

Ilustração 1:

Na língua fonte (gitonga)

Na língua alvo (PM)

/mathapa/ (com som aspirado /h/) /matapa/ (sem som aspirado)

/surha/ (com som aspirado /h/) /sura/ (sem som aspirado)

Discutindo as formas de integração dos neologismos por empréstimos na língua portuguesa, Alves (1990:77) explica que a incorporação ortográfica da unidade lexical estrangeira no sistema português não constitui uma regra. Muitos empréstimos, já assimilados, revelam adaptação e outros tantos não. Em suma, os empréstimos lexicais de tipo eliminação, revelam uma das formas de integração de estrangeirismos na língua alvo.

2.2.3. Empréstimos semânticos

Os empréstimos semânticos caracterizam-se pelo facto de a importação incidir somente sobre a significação e em que o sentido representado pelo lexema é o próprio da língua fonte do morfema em aquisição. O exemplo mais elucidativo deste tipo de estrangeirismos julgamos ser o apresentado por Appel *et al* (1989: 165) relativamente

ao lexema “skyscraper” com origem no Inglês e que, segundo estes autores, em Alemão foi importado como sendo “wolkenkratzer”, em Espanhol “rasca-cielos” e no Francês “gratte-ciel”. Nós acrescentamos que a mesma palavra no português significa “aranha-céus”. Assim, observamos que ao se adoptar o empréstimo “skyscraper” procedeu-se à tradução do sentido do neologismo para as línguas que o integram no seu acervo lexical.

É importante clarificar que no nosso trabalho não apresentaremos nenhum exemplo deste tipo de empréstimo.

Vilela (1994: 17) apresenta-nos uma outra perspectiva de tratamento de empréstimos. Ele refere-se a empréstimos necessários e empréstimos de luxo.

2.2.4. Empréstimos necessários

Na perspectiva deste autor, são empréstimos necessários os que configuram conceitos que não correspondem a qualquer palavra existente na língua. O autor exemplifica que na língua portuguesa encontramos os casos de “Whisky” e “Blue Jeans”, que designam objectos desconhecidos nesta língua. Concordando com o mesmo autor, acrescentaríamos que embora falantes de português, não conhecemos qualquer palavra em português capaz de nomear estas duas realidades (Whisky e Blue Jeans). Para o nosso trabalho ilustramos com o exemplo:

(3).... “ontem, na barraca do tio Tinga dançámos **xingwere** até amanhecer”.

O lexema **xingwere**, do gitonga constitui na língua portuguesa um empréstimo necessário, uma vez que o português não possui nenhuma palavra para nomear esta dança.

2.2.5 Empréstimos de Luxo

Consideram-se ainda segundo Vilela (1994:17), empréstimos de luxo os que recobrem conteúdos para os quais a língua importadora possui determinados termos. Para a língua portuguesa o autor apresenta como exemplos os estrangeirismos “palace”: palácio, “timing” calendarização, “pattern”: padrão, etc.

Relativamente aos neologismos de origem gitonga no PM, encontramos o exemplo de empréstimo de luxo no seguinte caso:

(4) “assim que o pão aumentou o preço vamos matabichar com **licoloma** todos os dias”.

(5) “ as conversas daquela senhora só trazem **mapilapila** nas famílias”

Os lexemas **licoloma** e **mapilapila** são traduzíveis na língua portuguesa, ou seja têm um equivalente que é lanho de côco e intrigas, respectivamente, daí que estes lexemas ganham o estatuto de empréstimos de luxo nesta língua.

Câmara Jr. (1975: 198), na sua classificação, distingue empréstimos íntimos de empréstimos culturais. Os primeiros resultam de contacto íntimo, num mesmo território, de populações com línguas distintas – tal é o caso de Moçambique relativamente ao português e às línguas bantu. Este tipo de empréstimos tem maior interesse para o nosso trabalho, relativamente ao segundo tipo, pois os empréstimos culturais compreendem os empréstimos de substrato, quando uma população conquistada adquire a língua dos dominadores; empréstimos de superstrato, quando os dominadores adoptam a língua dos vencidos, e os empréstimos de adstrato, quando duas línguas coexistem lado a lado.

Mendes (2000: 62) citando Rondeau (s/d), adianta que este especialista na sua tentativa de classificar os empréstimos, subdivide o empréstimo lexical em dois grupos. Os empréstimos internos quando o empréstimo é feito no interior de uma mesma língua e os empréstimos externos quando o empréstimo é feito de uma língua para a outra.

Acrescenta, ainda, que os empréstimos internos podem advir do grego, do latim e de outros domínios de experiência³. Por outro lado, os empréstimos externos podem ser directos e indirectos (com transformações).

Para o caso de empréstimos externos directos, o autor adianta com exemplos do inglês: formas que entram no PM através dos emigrantes, sobretudo dos mineiros da África do Sul. Exemplo “Compound” (fábrica, aglomerado de casas), “chuinga” (forma aportuguesada de “chewing” para designar pastilha elástica) e, ainda, exemplos do

³ Cf. MENDES. Irene (2000) pag 84, fala de domínio de experiência referindo-se à “socioterminologia”

árabe: termos como “badjia” (espécie de pastel feito com farinha de grão ou feijão local).

Quanto aos empréstimos externos indirectos (com transformações), o autor integra as formas híbridas: aquelas que são constituídas por uma mistura de morfemas, que podem ser da língua portuguesa, de línguas africanas ou outras.

Por exemplo: “maçaroca”- do Árabe “maçura” + “roca”, (forma portuguesa e dicionarizada com o significado de espiga de milho); e a gíria: linguagem especial usada pelos profissionais de um dado ofício ou pelos elementos de um grupo social. Por exemplo: gíria médica, gíria escolar, etc⁴).

No nosso *corpus* não consta nenhum tipo destes empréstimos, achamos não ter validade para o nosso trabalho.

2.3. A QUESTÃO DA TRADUÇÃO DOS EMPRÉSTIMOS

A tradução tem estado sempre presente neste processo de contacto e intercâmbio entre povos, facilitando a partilha de conhecimentos. Por exemplo, Vilela (1994: 12-23) mostra-nos não só que o léxico do português sempre reflectiu o contacto que esta língua teve e continua tendo com outras línguas mas, também, que em certos casos, esse intercâmbio lexical efectuou-se através da tradução.

⁴ Cf. Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora, 6 ed.

Neste ponto, analisaremos as tentativas empreendidas pelo emissor para visualização do sentido veiculado pelo elemento lexical estrangeiro que emprega no seu discurso.

Independentemente da sua tipologia, o empréstimo pode vir traduzido ou não, na própria mensagem em que ocorre. Alves (1990: 76) defende que ao empregar um estrangeirismo, o emissor, está muitas vezes, consciente que poderá não ser interpretado pelos receptores do texto. Por essa razão, em muitos contextos, a unidade lexical estrangeira é seguida de tradução ou até mesmo de uma definição do seu significado.

Exemplos:

(6) “..... realmente ele já cresceu. Construiu uma pequena casa de **macuti** (folhas de palmeira) e vive com a sua esposinha...”

Jornal Domingo 14/05/2000:3

(7) “.... assim que o pão aumentou o preço vamos matabichar com **licoloma** (lanho de côco) todos os dias....”

Jornal Domingo 17/09/2000:3

O exemplo (6) é demonstrativo de tradução de um neologismo. Assim ficamos a saber através do próprio emissor da mensagem que **macuti** traduz-se por folhas de palmeira, na língua portuguesa. No caso (7), define-se o neologismo **licoloma** como lanho de côco. Estes processos segundo Alves (1990), visam proteger a comunicação entre o utente dos empréstimos e os receptores por ele visados. Siteo (1991: 113) sustenta o mesmo princípio, referindo que quaisquer que sejam as circunstâncias do emprego do empréstimo, advogamos o seu uso salvaguardando a inteligibilidade da mensagem a

veicular. Este processo de utilização de empréstimos é crucial quando se pretende visualizar a cultura estrangeira. Tal processo consiste em confrontar as culturas das duas línguas através da metalinguagem.

Resumindo, o que acabamos de estudar revela que a tradução do empréstimo linguístico pode visar:

- a) Facilitar a compreensão da mensagem apesar de esta conter um novo elemento ou;
- b) Confrontar as culturas da língua fonte e da língua alvo do empréstimo.

2.4. CRITÉRIO DO ALOJAMENTO DOS EMPRÉSTIMOS NO ACERVO LEXICAL

Neste ponto definem-se os critérios usados para considerar um certo empréstimo linguístico, elemento vocabular do idioma hospedeiro.

Alves (1990: 77) explicita que, enquanto estrangeirismo, o elemento externo ao vernáculo de uma língua não faz parte do conjunto lexical desse idioma. E acrescenta que o emprego frequente de um estrangeirismo constitui, também, um critério para que essa forma linguística estrangeira seja considerada componente do acervo lexical português e, mais adiante, explica a mesma autora que a comunidade linguística é que decide sobre a adopção da nova palavra no idioma, através do já referido uso frequente do neologismo. O estágio mais alto que o empréstimo lexical pode atingir numa língua hospedeira é a sua inserção nas obras lexicográficas. Enquanto isso não se verifica é

costume, segundo a mesma autora (pág. 83), o emissor acautelar os receptores da mensagem sobre a presença de inovações lexicais (empréstimos, etc.) por meios de processos visuais como aspas, itálico, ou a precedência do empréstimo pelas expressões: chamados, ditos, vulgos.

Embora não estejam legitimados pelos dicionários, muitos empréstimos do PM, provenientes da língua gitonga podem-se considerar como fazendo parte do português devido ao seu uso frequente no quotidiano do falar dos moçambicanos. Entre vários empréstimos com este estatuto no PM exemplificamos com o lexema *sura*:

(8) "...ir a Inhambane e não beber *sura* é o mesmo que entrar na água e não se molhar".

Este empréstimo, no português de Moçambique, regista um número de ocorrências considerável, facto esse que lhe confere um estatuto de elemento integrante no vocabulário do PM.

2.5. INTEGRAÇÃO MORFO-SINTÁCTICA DOS EMPRÉSTIMOS

Quando o empréstimo linguístico entra num determinado idioma, pertence a uma classe gramatical específica e constitui um elemento vocabular particular.

Deste estágio, o estrangeirismo em causa pode passar a outro, o de forma derivada e composta. Alves (1990: 78) sustenta que, morfossintacticamente, a integração na língua portuguesa manifesta-se nos casos em que o estrangeirismo começa a formar derivados e compostos.

A utilização deste mecanismo verifica-se no nosso trabalho pela derivação da expressão **xingwerista** a partir do empréstimo **xingwere** de categoria gramatical substantivo para adjectivo:

(9) "...desde que conheceu a barraca do tio Tinga, o Manuel transformou-se no maior **xingwerista** da zona."

Alves (1990:78 e seguintes) considera empréstimos produtivos todos aqueles que uma vez alojados na língua alvo formam derivados e compostos. Para este caso, é ilustrativo o empréstimo do exemplo (9).

2.6. MODELO DE ANÁLISE DOS EMPRÉSTIMOS

Os dados que constituem o *corpus* do nosso trabalho, a serem analisados detalhadamente no capítulo IV ponto 4.1, devem obedecer a um modelo de análise. Para o efeito, seleccionamos o proposto por Machungo (1991: 5). Esta autora preconiza os seguintes conceitos que suportam o seu modelo de análise:

Entrada lexical;

Classe lexical;

Significado; e

Contexto

2.6.1. Entrada lexical

Vilela (1995: 13-14) citado por Machungo (1991), considera entrada lexical a palavra que aparece como registada na recolha ordenada dos vocábulos de uma língua. Os lexicólogos designam as entradas lexicais de lexemas. No Capítulo IV deste trabalho, a entrada dos neologismos far-se-á em letras maiúsculas.

2.6.2. Classe lexical

A morfologia de uma gramática tradicional agrupa os lexemas em classes, nomeadamente: substantivos, pronomes, verbos, adjectivos, interjeições, etc. A cada um destes grupos, Machungo (1991: 5) designa de classe ou categoria lexical. Vilela (1994: 33) Reforça considerando classe lexical um conjunto constituído pelos lexemas que se encontram organizados por um traço comum de conteúdo. O lexema **xingwerista** ilustra um exemplo da classe lexical dos adjectivos.

2.6.3. Significado

A interpretação dos contextos em que os empréstimos ocorrem dar-nos-á o significado da entrada lexical no PM.

2.6.4. Contexto

De acordo com Machungo (1991: 6), entende-se por contexto todo o ambiente linguístico da unidade lexical na frase. Toda a informação linguística que esteja presente

no contexto onde ocorre o neologismo, poderá contribuir para a obtenção do significado dos neologismos.

Todo o modelo de análise, incluindo o de Machungo (1991), propõe-se a analisar dados. Lopes *et al* (2002: 12-13) agrupa os dados em dez categorias, dos quais nos interessaremos apenas por três:

- a) Expressões idiomáticas: esta entrada, refere-se aos dados ligados a estruturas retóricas, frases feitas, expressões figuradas, traços de sabedoria popular, por exemplo, os provérbios;
- b) Expressões Sócio-culturais: segundo o mesmo autor, as expressões sócio-culturais incidem sobre as palavras que reflectem os hábitos da vida, neste caso dos gitongas; e
- c) Empréstimos: aqui o autor refere-se à formações do PM oriúndas de variadas línguas, (neologismos por empréstimos). Estes tipos de dados serão discutidos de forma detalhada no capítulo IV.

CAPÍTULO III - METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

BREVE INTRODUÇÃO

O presente capítulo pretende dar informações sobre as estratégias que utilizamos para a obtenção e análise dos dados *corpus*.

Por fim apresentamos informações relacionadas com os anexos do presente trabalho.

3.1. PROCEDIMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

3.1.1. O Jornal Domingo

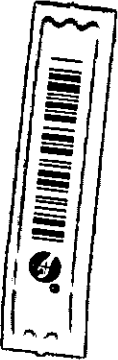
Para um trabalho deste género, os jornais têm-se mostrado como uma das fontes privilegiadas para a recolha de neologismos. É nos jornais onde se busca informação de espécie diversificada. Alves (1990: 6) adianta que é através dos meios de comunicação de massas e de obras literárias que os neologismos tem oportunidade de serem conhecidos e difundidos. Em obediência a este princípio e pelas vantagens que julgamos nisso existir, recorreremos aos jornais. Alguns elementos constitutivos do *corpus* foram recolhidos do Jornal Domingo.

O Jornal Domingo é um semanário publicado na cidade de Maputo, trata de temas de interesse geral. A escolha deste jornal como uma das fontes de recolha do *corpus* foi-nos ditada pelo seu dia de edição, o Domingo, quando os leitores dispõem de mais tempo de lazer, altura própria para ler. Assinalamos, ainda, que neste dia de semana, no país, não se edita nenhum outro jornal. Fizemos o levantamento de neologismos de origem

gitonga neste jornal, entre os anos 1999-2001, com vista a testar a ocorrência repetitiva dos empréstimos e, verificar também a adopção de novos lexemas bantu para designar possíveis novas realidades.

Fizemos incidir, selectivamente, a nossa recolha sobre as páginas 2 e 3 do referido semanário. Estas páginas reservam-se para notícias e divulgação de literatura nacional onde, em 36 números do ano 2000, encontramos repetidas 5 unidades de empréstimos diferentes, emprestadas da língua gitonga.

3.1.2. As entrevistas



Este é um dos métodos mais utilizados no processo de recolha de dados, daí que optámos por segui-lo dadas as suas múltiplas vantagens. A população por nós entrevistada é constituída por individualidades que tem o gitonga como língua primeira, o português como língua segunda e longos anos de experiência no uso, estudo e promoção do gitonga, falantes de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os 11 e 55 anos de idade.

3.1.3. A transcrição de programas radiofónicos

Este método consistiu na gravação e transcrição do programa radiofónico com o nome "A voz do mais velho" emitido todos os Domingo às 20:45 horas pela Rádio Moçambique,

Emissor Provincial de Inhambane. A escolha deste programa deveu-se ao facto de ter um carácter interativo, entre interlocutores de idade avançada (terceira idade) e jovens, onde o aconselhamento aos jovens é feito por meio de provérbios. Fizemos o levantamento de neologismos de origem gitonga, em 24 edições deste programa, entre os meses de Maio a Dezembro de 2002, com vista a testar a ocorrência repetida de empréstimos.

3.1.4. Local de recolha de dados

Os dados foram obtidos nas seguintes instituições: Rádio Moçambique (Emissor Provincial de Inhambane); Instituto de Comunicação Social, (Delegação de Inhambane); Mercado central de Inhambane; Porto (travessia Maxixe – Inhambane), junto dos pescadores e marinheiros e barracas de diversão nocturna.

3.2. BREVE DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* recolhido para esta análise é formado por 14 neologismos por empréstimos de origem gitonga, vai ser analisado através de alguns conceitos e noções que fazem parte do modelo proposto por Machungo (1991: 5), vide o ponto 2.6 do capítulo II e por mais dois conceitos por nós propostos, que são: frequência, tem a ver com o número de vezes que o neologismo foi recenseado na recolha do *corpus* deste trabalho e a tipologia de empréstimo, onde classificamos o empréstimo sob ponto de vista linguístico (vide Capítulo II ponto 2.2). Pensamos que com esta associação de conceitos, o presente

modelo poderá ser o instrumento eficaz para a melhor interpretação e compreensão dos neologismos recenseados. O modelo de análise propõe-se a apresentar informações que possibilitam a melhor descrição dos neologismos definidos no *corpus* do trabalho.

3.3. OS ANEXOS DO TRABALHO

No fim deste trabalho, apresentamos um anexo, onde estão reunidos todos os neologismos do *corpus*. Neste anexo cada neologismo surge devidamente etiquetado e integrado num contexto, que fornece o conteúdo informativo da frase onde ocorre o neologismo e auxilia os leitores na compreensão do significado.

CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS EMPRÉSTIMOS LEXICAIS

SUMÁRIO

Neste capítulo iremos proceder ao tratamento dos empréstimos lexicais que constituem a base de dados do nosso trabalho, conforme o modelo de análise, sua respectiva caracterização bem como o tipo de dados projectados no capítulo II, ponto 2.6. Por fim apresentaremos uma breve conclusão sobre a análise de dados.

4.1. TRATAMENTO DE DADOS

A. MACUTI

Empréstimos de origem gitonga, ganhou um espaço no léxico do PM.

- b) Classe lexical: + substantivo
- c) Significado: folhas de palmeiras
- d) Contexto: “.... realmente ele já cresceu, construiu uma pequena casa de **macuti** e vive com a sua esposinha”.
- e) Frequência: duas ocorrências
- f) Tipologia de empréstimo: empréstimo total.

B. XINGWERE

- b) Classe lexical: + substantivo
- c) Significado: tipo de dança tradicional típica da etnia gitonga

d) Contexto: "...ontem na barraca do tio Tinga dançámos **xingwere** até amanhecer."

e) Frequência: uma ocorrência

f) Tipologia de empréstimo: empréstimo total.

C. MATHAPA

b) Classe lexical: + substantivo

c) Significado: folhas de mandioqueira.

d) Contexto: "...passei o fim-de-semana em casa do tio Joaquim...aquilo foi chuva de muita **matapa e sura**".

e) Frequência: uma ocorrência.

f) Tipologia de empréstimo: empréstimo por eliminação.

D. SURHA

- b) Classe lexical: + substantivo
- c) Significado: vinho de palma
- d) Contexto: "...passei o fim-de-semana em casa do tio Joaquim...aquilo foi chuva de muita matapa e **sura**..."
- e) Frequência: duas ocorrências
- f) Tipologia: empréstimo por eliminação

E. XINGWERISTA

- b) Classe lexical: + adjetivo
- c) Significado: aquele que pratica xingwere, o dançarino de xingwere.
- d) Contexto: "...desde que conheceu na barraca do tio Tinga, o Manuel transformou-se no maior **xingwerista** da zona..."
- e) Frequência: uma ocorrência
- f) Tipologia de empréstimo: empréstimo total.

F. MAPILAPILA

- b) Classe lexical: + substantivo
- c) Significado: intrigas
- d) Contexto: "...as conversas daquela senhora só trazem **mapilapila** nas famílias..."
- e) Frequência: uma ocorrência

f) Tipologia de empréstimo: empréstimo total.

Nota: É importante recordar que este empréstimo foi mais difundido pela música da cantora moçambicana Guilhermina Caetano (Guê-guê) que com a composição **mapilapila** conquistou, em 1995, um lugar cimeiro numa das paradas da música moçambicana organizada pela Rádio Moçambique.

G. LICOLOMA

b) Classe lexical: + substantivo

c) Significado: lanho de côco

d) Contexto: "...assim que o pão aumentou o preço vamos matabichar com **licoloma** todos os dias."

e) Frequência: uma ocorrência

f) Tipologia de empréstimo: empréstimo total.

H. TSUNGO WA NDAGANI.

Este item, e os três que se seguem, são classificados como idiomáticos tem a ver com recursos a estruturas retóricas (provérbios), constituem uma ocorrência constante e frequente na conversação quotidiana.

b) Classe lexical: + provérbio/expressão idiomática

- c) Significado: o branco da casa, ou seja o filho mais querido da casa.
- d) Contexto: "...és mesmo **tsungo wa dangani** até te compraram sapatos novos..."
- e) Frequência: uma ocorrência.
- f) Tipologia de empréstimo: empréstimo total

I. HODZA SAGO NI NA HODZA SANGO.

- b) Classe lexical: + provérbio/expressão idiomática.
- c) Significado: coma o que é teu, que eu também comerei o meu.
- d) Contexto: "...não precisa dizer servido... **hodza sago... ni na hodza sango...**"
- e) Frequência: uma ocorrência.
- f) Tipologia de empréstimo: empréstimo total

J. NEGÓCIO À PARTE, FAMILIARIDADE À PARTE

- b) Classe lexical: + provérbio/expressão idiomática
- c) Significado: o empréstimo entra no PM já traduzido do gitonga.
- d) Contexto: "...eu já disse... não misturar as coisas... é só comprar com dinheiro **negócio à parte, familiaridade à parte, não misturar as coisas...**"
- e) Frequência: uma ocorrência.
- f) Tipologia de empréstimo: empréstimo total

L. WA GAYA

- b) Classe lexical: + provérbio/expressão idiomática
- c) Significado: é da terra, é um irmão.
- d) Contexto: "... o problema ficou abafado...aquele polícia facilitou tudo, ele é wa gaya..."
- e) Frequência: uma ocorrência.
- f) Tipologia de empréstimo: empréstimo total

M. GUHAMBELA

Este item, seguido dos dois últimos, retratam traços sócio-culturais gitongas que são muito realçados na realidade em que funciona o PM.

- b) Classe lexical: + verbo
- c) Significado: nadar
- d) Contexto: "... está claro que no lugar do mais novo do falecido, o Luís é que vai hambelar a sua cunhada Marta..." Esta pratica é usual nos casos de sucessão do marido (por um irmão mais novo) por morte.
- e) Frequência: uma ocorrência.
- f) Tipologia de empréstimo: empréstimo total

N. GUHANA NGOMA

- b) Classe lexical: + verbo
- c) Significado: dançar... uma canção.
- d) Contexto: "... não é só ir nas barracas, é preciso **guhana ngoma** com esse dinheiro se não a tua sorte de emprego foge...." Este hábito consiste em um jovem recém empregado, apresentar o seu primeiro salário aos seus parentes mais velhos.
- e) Frequência: uma ocorrência.
- f) Tipologia de empréstimo: empréstimo total

O. GULOMBA MATI

- b) Classe lexical: + verbo
- c) Significado: pedir água
- d) Contexto: "... lá em casa, os mais velhos não estão... foram lá no **gulomba mati** em casa da cunhada Fatinha..." Trata-se de uma cerimónia em que os familiares do jovem apresentam-se junto da família da rapariga, pedindo-a em casamento.
- e) Frequência: uma ocorrência
- f) Tipologia do empréstimo: empréstimo total

4.2. ANÁLISE DE DADOS

Neste ponto analisam-se os empréstimos lexicais que da língua gitonga passam para o PM, conforme a listagem constante do ponto 4.1 deste capítulo e anexo do trabalho. Embora não tenhamos podido integrar, no nosso trabalho, todos empréstimos que registamos na recolha do *corpus*, devido à sua quantidade, direccionaremos o nosso enfoque para os aspectos que nos empréstimos visados se prendem com:

- Aspectos morfossintácticos;
- Tipologia dos empréstimos;
- Tradução dos empréstimos; e
- Campos semânticos dos empréstimos

4.2.1. Aspectos morfossintácticos

a) Classe lexical

Sobre este aspecto, podemos afirmar que os neologismos por nós recenseados e empregues no PM aparecem, sobretudo, na classe dos substantivos. A sua aparição entre verbos e adjectivos, é muito rara. Por exemplo, dos 14 neologismos registados 42.9% são substantivos, 28.6% provérbios ou expressões idiomáticas, 21.4% verbos e 7.1% adjectivo.

b) Género

Em relação a categoria género, podemos afirmar que a todos substantivos recenseados foram atribuídos géneros. Assim, temos neologismos que pertencem ao:

Género masculino: **Macuti, Xingwere e Licoloma.**

Género feminino: **Matapa, Sura e Mapilapila.**

Para a determinação do género, tivemos que tomar em conta o factor contexto. Os contextos onde os neologismos estão inseridos podem ou não contribuir para a determinação do género dos neologismos, visto que é no contexto onde podemos encontrar o conjunto de informação linguística que pode ou não contribuir para identificar o género. Felizmente, os contextos onde estão inseridos os neologismos com as entradas **A, B, C, D, E, F e G** são favoráveis para a identificação do género. Ignorámos, contudo, o factor que tem a ver com os morfemas terminais. Os morfemas terminais dos neologismos podem ou não contribuir para a determinação do género das palavras.

Sabe-se que em português o morfema “o” quando vogal terminal da palavra, esta geralmente é masculino. Temos os exemplos de bolo, carro etc. Esta característica não se emprega nos neologismos do nosso trabalho pois os nossos neologismos de género masculino não tem a vogal terminal “o”. Vide as entradas **A, B e G.**

c) Integração morfo-sintáctica dos empréstimos no acervo lexical

No quadro da definição dada no número 2.5 do capítulo II, referimo-nos à integração dos empréstimos na língua portuguesa, verificamos que se insere neste conjunto o lexema, do nosso *corpus*, cujo exemplo tem a entrada lexical E. Este empréstimo mostra-se produtivo no quotidiano do PM (cf Alves: 1990-78, *op.cit*).

Prevenimos, contudo, que durante a recolha de dados não nos foi possível provar na totalidade a produtividade no PM dos empréstimos com as entradas A, C, e F. Atestamos a ocorrência de certas formas derivadas recorrendo à nossa competência linguística de falantes do PM e para identificar tais derivados certificados por nós, marcámo-los com o sinal (?).

A. Macuti

(?) Macuteiro “aquele que se dedica à tecelagem e venda do macuti”

C. Matapa

(?) Matapada “festa ou convívio acompanhado de muita matapa”

F. Mapilapila

(?) Mapilapileira “a causadora das mapilapilas”

4.2.2. Tipologia dos empréstimos

No que concerne à tipologia, verificamos que os empréstimos lexicais de origem gitonga, no PM, distribuem-se de forma não equitativa. Há mais empréstimos totais, os

empréstimos semânticos raream. O quadro que se segue elucida esquematicamente a distribuição a que nos referimos.

Ilustração 2:

Designação	Quantidade	Percentagem
Empréstimos totais	12	85.7
Empréstimos por eliminação de son	2	14.3
Empréstimos semânticos	0	0.0
Totalidade	14	100

Verificamos que a percentagens dos empréstimos totais quantitativamente difere muito dos empréstimos por eliminação. Julgamos que esta disparidade assenta essencialmente sobre aspectos fonológicos. A existência de grande quantidade de empréstimos totais julgamos ser indicativo da proximidade das estruturas fonológicas das línguas bantu e do português ou então que a língua importadora tolera a entrada desses fonemas que lhe são estranhos, adoptando-os.

4.2.3. Tradução dos empréstimos

O estágio neófilo do empréstimo linguístico pode caracterizar-se pela sua tradução, aquando do seu uso. Reforçamos que o juízo sobre o grau da divulgação do neologismo é dado pelo emissor da mensagem.

Consideramos, neste trabalho, tradução do empréstimo quando deliberadamente o emissor se esforça por explicar o significado do neologismo que usa. Recorremos aos exemplos (6) e (7) do capítulo II, ponto 2.3.

(6) "...realmente ele já cresceu. Construiu uma pequena casa de **macuti** (folhas de palmeira) e vive com a sua esposinha..."

Jornal Domingo 14/05/2000:3

(7) "...assim que o pão aumentou o preço vamos matabichar com **licoloma** (lanho de côco) todos os dias..."

Jornal Domingo 04/06/2000:2

Nestes excertos, devido à presença do elemento léxico novo, o emissor explana os diversos significados dos lexemas **macuti** e **licoloma**, em português, na própria mensagem para preservar a comunicação com o receptor.

Dos elementos do nosso *corpus*, encontram-se traduzidos os dois lexemas acima expostos mais um (entrada lexical J) que entra para o acervo lexical do PM já traduzido do gitonga.

Ilustração 3:

Designação	Quantidade	Porcentagem
Empréstimos traduzidos	3	21.4
Empréstimos não traduzidos	11	78.6
Total	14	100

Com base nesta ilustração verificamos que 21.4% das unidades do nosso *corpus* representa o conjunto dos neologismos menos conhecidos entre os falantes do PM, enquanto 78.6% corporiza os empréstimos de origem gitonga que são do domínio geral do público ao nível do PM.

4.2.4. Campos semânticos

Através do significado de cada neologismo encontrado, foi possível formar diversos campos semânticos. De acordo com Dubois *et al* (1990: 532), chama-se campo semântico à área coberta, no domínio da significação, por uma palavra ou por grupos de palavras da língua. Por exemplo, palavras como: carro, bicicleta, avião etc pertencem ao campo semântico dos meios de transportes.

Em relação ao significado dos neologismos do nosso *corpus*, agrupamos alguns nos seguintes campos semânticos:

Bebida: **surha**

Alimentos: **licoloma, mathapa**

Hábitos sócio-culturais: **guhambela, guhana ngoma, gulomba mati**

Material de construção: **macuti**

Dança: **xingwere, xingwerista**

4.3. BREVES CONCLUSÕES

Os neologismos analisados nesta parte do trabalho são parte integrante do vocabulário do PM. Este facto confirma-se na medida em que se nota uma certa aceitabilidade do significado do neologismo por parte dos falantes do PM, pois, verificamos que em muitos contextos onde os neologismos estão inseridos, aparecem sem aspas e sem alguma explicação entre parênteses. Por exemplo, no contexto "...ir à Inhambane e não beber **sura** é o mesmo que entrar na água e não se molhar..." Jornal Domingo (13/08/2000: 2), podemos verificar que o neologismo **sura** não aparece no contexto com aspas e, nem vem seguido de uma informação adicional, tendente a explicar o significado do neologismo. Por isso, este neologismo tende a ser considerado como palavra pertencente ao vocabulário do PM.

Em relação à aceitabilidade dos neologismos **licoloma** e **macuti** (vide os exemplos números 6 e 7 do nosso trabalho), podemos afirmar que eles ainda não faziam parte do vocabulário do PM, visto que estes neologismos aparecem no contexto, seguidos de uma informação adicional, entre parênteses, que nos permite identificar o significado das

palavras.

Assim, podemos afirmar que todos os neologismos inseridos em contextos sem aspas e sem serem seguidos de uma informação acerca do seu significado, podem ser considerados como palavras que fazem parte do vocabulário do PM.

Podemos também considerar que os neologismos por empréstimos, de origem gitonga passam a integrar o vocabulário do PM, devido ao contacto entre o português e gitonga, associado talvez ao fraco domínio da língua portuguesa ou a indisponibilidade de nomear certas realidades em português.

CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

SUMÁRIO

O objectivo fundamental deste capítulo é fornecer breves considerações a cerca dos resultados obtidos com a investigação. No mesmo capítulo, teceremos alguns pontos de vista relacionados com o desenvolvimento da investigação e apresentaremos alguns aspectos que podem motivar futuras investigações.

5.1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

a) Em relação as nossas hipóteses de investigação

No fim da nossa pesquisa constatámos que pudemos validar as nossas hipóteses apresentadas no capítulo I, ponto 1.5. Após o estudo, verificamos que mais de 75% dos neologismos emprestados do gitonga (que fazem parte do *corpus* do trabalho) são adoptados pelo PM devido ao contacto entre o português e o gitonga, associado talvez ao fraco domínio da língua portuguesa pelos falantes desta língua ou a indisponibilidade que o português tem em nomear ou designar certas realidades.

b) Em relação ao Jornal Domingo

O trabalho realizado sobre os neologismos por empréstimos do PM de origem gitonga teve como uma das fontes para a recolha de dados o Jornal Domingo. Este órgão de informação revelou-se-nos instrumento eficaz para a nossa dissertação, pois foi graças a

ele que conseguimos obter boa parte dos dados para o *corpus* do nosso trabalho.

c) Em relação aos programas radiofônicos

Este meio de comunicação, mostrou-se também um instrumento capaz de nos fornecer dados para o mesmo trabalho. É por meio da rádio, nos seus diversos programas, que se verifica um intercâmbio linguístico entre os diferentes interlocutores. Nesses intercâmbios, naturalmente que se registam ocorrências de neologismos de uma língua para outra.

d) Em relação às entrevistas com falantes do gitonga

As entrevistas já provaram, em muitos trabalhos de natureza científica, serem um meio indispensável para a recolha de dados, daí a nossa preferência por este método.

e) Em relação aos neologismos por empréstimo

Os neologismos aqui apresentados e analisados poderão servir de fonte de informação para falantes do português que se encontram noutros cantos do mundo. Além disso, alguns neologismos também poderão servir para se compreender estágios pelos quais passou o PM e auxiliar o ensino de línguas e da comunicação e Moçambique.

Em futuras investigações sobre a dinâmica do PM, estes neologismos poderão ser retomados e analisados, pois eles transportam informações linguísticas que aqui não foram estudadas em detalhe como, por exemplo, aspectos relacionados com a adaptação

dos neologismos à fonologia portuguesa.

f) Em relação ao modelo de análise

O modelo adoptado para a análise dos dados demonstrou-nos ser um instrumento eficaz para podermos analisar e explicar os neologismos recenseados. Este modelo poderá ser, em futuros trabalhos sobre os neologismos no PM, uma fonte que auxiliará a obtenção de informação geral acerca de cada neologismo recenseado porque, através deste modelo, poderemos conhecer o significado, a categoria lexical ou gramatical de cada neologismo.

g) Em relação ao tipo de dados

Os tipos de dados, por nós recolhidos, relacionam-se com os objectivos preconizados no nosso trabalho e enquadram-se perfeitamente no modelo de análise, mas a partir daqui, poder-se-á aplicar o mesmo modelo com outros tipos de dados.

5.2. CONTRIBUTO PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES

Trabalhos desta natureza achamos não serem fáceis de elaborar. Por essa razão tecemos algumas considerações importantes que poderão dar um contributo aos futuros estudos sobre a questão dos neologismos por empréstimos.

Os critérios utilizados nesta dissertação, para a recolha e obtenção de dados, são

caminhos que poderão ser percorridos em futuras investigações deste género.

O material bibliográfico que demonstrou ser pertinente na apreensão de conceitos básicos e imprescindíveis para a análise poderá ser consultado e utilizado para futuros trabalhos sobre os neologismos por empréstimos.

A recolha de dados a partir de um meio de comunicação social escrito, (por exemplo o Jornal Domingo), não é suficiente para revelar aspectos que poderíamos encontrar num discurso oral. Por esta razão, nós optámos por reforçar a nossa recolha de dados com fontes orais, (programas radiofónicos e entrevistas), e recomendamos que futuros trabalhos possam recolher os dados a partir de discursos orais e escritos, pois pensamos que poderão obter maior número de informação com base nas duas vertentes: a oral e a escrita.

Pensamos que em futuros trabalhos poderemos aprofundar, ainda mais, este estudo utilizando a perspectiva de análise desenvolvida nesta dissertação, ou utilizando uma perspectiva diferente como, por exemplo, contrastar os dados extraídos de um meio de informação do início do século com um meio de informação actual, para verificarmos se os neologismos analisados nesta dissertação se conservaram, desapareceram ou são substituídos por outros.

BIBLIOGRAFIA

- APPEL, René & MUYSKEN, Pieter (1993), *Language Contact and Bilingualism*, Edward Arnold, London.
- ALVES, Ieda Maria (1990), *Neologismos - Criação Lexical*, Ática S.A., São Paulo.
- BARBOSA, Jorge Morais (1969), *A Língua Portuguesa no Mundo*, Agência-Geral do Ultramar, Lisboa.
- CÂMARA, Jr., J. Mattoso (1975), *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, Padrão - Livraria Editora, Rio de Janeiro.
- CARDOSO, Suzana A. M. (1991), "Empréstimos: uma questão linguística e/ou político-cultural?", in RILP No 5/6, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, Lisboa.
- Dicionário da Língua Portuguesa*, 6 Edição, Dicionários Editora, Porto Editora, Porto.
- DUBOIS, J.; GIACOMO, M.; GUESPIN, L.; MARCELLESI, C.; MARCELLESI, J. & MEVEL, J. (1990), *Dicionário de Linguística*, Editora Cultrix, São Paulo.
- GHUTRIE, Malcolm (1967-71), *Comparative Bantu*, 1-4. Clarendon: University Press, Oxford.
- LOPES, A. Jorge; SITOIE, S. Júlio & NHAMUENDE, P. José (2002), *MOÇAMBICANISMOS Para um Léxico de Usos do Português Moçambicano*, Livraria Universitária, UEM, Maputo.
- MACHUNGO, Inês (1991), *Neologismos morfossemânticos no português de Moçambique*. Texto policopiado.

- MATEUS, Maria H. Mira; ANDRADE, Amália; VIANA, Maria do Céu & VILLALVA, Alina (1990), *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*, Universidade Aberta, Lisboa.
- MENDES, Irene (2000), *O léxico no Português de Moçambique (Aspectos Neológicos e terminológicos)*, Editora Promédia, Maputo.
- SITOE, Bento (1991), *Empréstimos Lexicais do Português no Tsonga*, in *Revista Internacional de Língua Portuguesa* No 5/6. Páginas 106 a 113.
- SITOE, Bento & NGUNGA, Armindo S. A. (2000), *Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. NELIMO – Núcleo de Estudos das Línguas Moçambicanas, Maputo.
- VILELA, Mário (1994), *Estudos de lexicologia do Português*, Livraria Almedina, Coimbra.
- VILELA, Mário (1995), *Ensino da Língua Portuguesa: Léxico, Dicionário, Gramática*, Livraria Almedina, Coimbra.

ANEXO I (Descrição do *corpus*)

A. MACUTI

“...realmente ele já cresceu, construiu uma pequena casa de **macuti** e vive com a sua esposinha.”

Fonte: Jornal Domingo (14/05/2000:3)

“... agora, com o fim da guerra, o preço do **macuti** baixou muito, por isso ele já pode construir a sua casinha.”

Fonte: Jornal Domingo (14/06/2000:2)

B. XINGWERE

“....Ontem na barraca do tio Tinga dançamos **xingwere** até amanhecer...”

C. MATHAPA

“... passei o fim-de-semana em casa do tio Joaquim....aquilo foi chuva de muita **mathapa** e **sura**.”

D. SURHA

“...ir à Inhambane e não beber **sura** é o mesmo que entrar na água e não se molhar....”

Fonte: Jornal Domingo (13/08/2000:2)

“...passei o fim-de-semana em casa do tio Joaquim...aquilo foi chuva de muita **matapa** e **surha**.”

E. XINGWERISTA

“...desde que conheceu na barraca do tio Tinga, o Manuel transformou-se no maior **xingwerista** da zona...”

F. MAPILAPILA

“... as conversas daquela senhora só trazem **mapilapila** nas famílias...”

G. LICOLOMA

“... assim que o pão aumentou o preço, vamos **matabichar** com **licoloma** todos os dias..”

Fonte: Jornal Domingo (17/09/2000:3)

H. TSUNGO WA NDAGANI

“...és mesmo **tsungo wa ndagani**... até te compraram sapatos novos...”

I. HODZA SAGO NI NA HODZA SANGO

“...não precisa dizer servido.... **hodza sago... ni na hodza sango...**”

J. NEGÓCIO A PARTE, FAMILIARIDADE A PARTE

“...eu já disse... não misturar as coisas... é só pagar com dinheiro, **negócio à parte, familiaridade à parte, não misturar as coisas...**”

L. WA GAYA

“...o problema ficou abafado...aquele polícia facilitou tudo, ele é **wa gaya...**”

Fonte: Jornal Domingo (09/04/2004)

M. GUHAMBELA

“... Está claro que no lugar do mais novo do falecido, o Luís é que vai **hambelar** a sua cunhada Marta...”

Fonte: Programa radiofónico Voz do mais velho (edição 36)

N. GUHANA NGOMA

“...não é só ir nas barracas, é preciso **guhana ngoma** com esse dinheiro senão o tua sorte de emprego foge...”

Fonte: Programa radiofónico Voz do mais velho (edição 39)

O. GULOMBA MATI

“...Lá em casa, os mais velhos não estão...foram lá no **gulomba mati** em casa da cunhada Fatinha...”

Fonte: Programa radiofónico Voz do mais velho (edição 39)

ANEXO II

Perguntas para as entrevistas com individualidades ligadas ao estudo e promoção da língua gitonga. Sobre os programas radiofónicos em língua gitonga e portuguesa.

Local da entrevista: Rádio Moçambique – Emissor provincial de Inhambane e Instituto de comunicação social – Delegação de Inhambane.

1. Em que locais da província de Inhambane se faz programas radiofónicos em gitonga?
2. Em que períodos ou épocas da história da rádio, em Inhambane, se verificou maior número de programas em gitonga?
 - 2.1. A existência desses programas foi motivada por que factores?
3. Que outras instituições de comunicação social utilizam esta língua na produção dos seus programas?
4. Qual é o público alvo dos programas dirigidos em gitonga?
5. Que objectivos pretendiam alcançar os mentores destes programas?
 - 5.1. Que formação tinham para executar tal actividade?
6. Que prestígio tem os programas em língua gitonga na sociedade?
7. Nos vossos programas em português, caso estejam a entrevistar alguém que não conheça certas palavras em português, vocês permitem que este se pronuncie em gitonga para melhor expressar tais palavras?
 - 7.1. Nestes casos vocês ajudam-no a traduzir ou a procurar o equivalente das palavras em português?
 - 7.2. Considera frequentes esses casos nas entrevistas com interlocutores?

7.3. E quais são as palavras que muitos interlocutores tem dificuldades de pronunciar em português?

7.4. E os repórteres... face as dificuldades dos interlocutores; não são influenciados a usar as mesmas palavras, em gitonga, nos seus programas radiofónicos?

7.5. Especificamente no vosso programa "a voz do mais velho" transmitido todos os Domingos às 20.45horas, onde são transmitidos ensinamentos para os jovens, consegue o vosso convidado do programa transmitir todos ensinamentos em português?

7.6. E a informação que o "mais velho" não consegue transmitir em português?

7.7. Será que o destinatário do programa consegue perceber a informação?

ANEXO II

Sobre o uso do gitonga no mercado central, barracas de diversão nocturna, porto (travessia Maxixe – Inhambane) e outros locais informais.

1. Desde quando é que vocês conversam em gitonga, aqui em Inhambane, ao fazerem os vossos pequenos negócios?
2. Em que idades predomina o uso do gitonga, dentre as pessoas jovens e velhas?
3. Em que actividades comerciais é empregue mais o gitonga, dentre a venda de bebidas alcóolicas, travessia no barco à vela, venda de côcos entre outras?
4. Com que tipo de cliente prefere falar gitonga?
 - 4.1. Por quê escolhe certo tipo de cliente para se comunicar em gitonga?
5. Quando está a fazer a promoção dos seus produtos, em português, e não conhece o nome de um produto que vende, como é que explica ao seu cliente?
 - 5.1. Acha que o seu cliente vai reconhecer o nome do produto numa língua que não seja dele?
 - 5.2. E se o cliente continuar a não perceber que mecanismos usa para clarificar melhor?